

VALE O QUE ESTÁ ESCRITO

Tiago Monteiro Velasco é escritor, doutorando em Literatura Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio e pesquisador bolsista da CAPES. E-mail: velasco.tiago@gmail.com

Resumo

Experimento teórico-prático de escrita de si literária em que se discutem questões sobre pactos de leitura e horizonte de expectativas. O texto deve ser compreendido como *performance* do autor tanto na construção do texto quanto em sua vida pública, bem como do narrador. As discussões teóricas aqui presentes respeitam a própria desordem no espaço disciplinar dos estudos literários e as hesitações pessoais diante dos debates sobre o assunto.

Abstract

Theoretical and practical experiment of self writing that discusses issues concerning autobiographical pact and horizon of expectations. The text must be understood as a performance of the narrator and, also, of the author in the construction of the text and in his public life. The theoretical discussions here regard the disorder in the disciplinary area of literary studies and personal hesitations that concern the subject.

1

“Acho que é uma versão ficcional dele melhorada para atender melhor à trama.”

2

Já havia decidido que o estágio docente orientado seria uma espécie de laboratório para a minha pesquisa. A primeira vez que a Heidrun¹ usou a palavra “laboratório” para se referir às aulas que daria para turmas de graduação em Letras na PUC, achei curioso, e logo me remeteu àqueles atores de novela e de cinema que passam um tempo na Avenida Atlântica, junto às prostitutas, aos cafetões e pequenos traficantes tentando, por osmose ou algum comportamento mimético, incorporar o submundo. Os que usam desse expediente se imbuem de um discurso de legitimidade, sentem-se, por uma espécie de observação pouco participativa, pessoas mais preparadas para a execução do trabalho, como se houvessem captado em seus corpos o sofrimento por meio de um curso intensivo. O meu laboratório não foi desse tipo. O texto auto(lítero)biográfico com pé no *academic romance* que venho construindo não exige vivência em um mundo diferente do que já frequento. Dar aula para a graduação é algo que venho fazendo corriqueiramente nos últimos cinco anos. Saber que as experiências pelas quais passo podem servir ao ensaio experimental, no entanto, instauram uma outra perspectiva, não apenas a de um observador de segunda ordem, mas na própria encenação do papel social: professor no estágio docente, aluno no doutorado, escritor, amigo, filho, namorado, Tiagos Monteiros Velascos, Tiagos Velascos, Tiagos.

3

“A pessoa que escreve pode alterar ou ocultar algo, mas se o leitor não acreditar, o sentido de ler uma autobiografia se perde.”

4

Os fragmentos curtos, entre aspas, que aparecem neste experimento auto(lítero)biográfico foram retirados de comentários ou de respostas a um questionário

¹ Profa. Dra. Heidrun Krieger Olinto, da PUC-Rio, orientadora da minha pesquisa de doutorado.

sobre escrita de si que passei durante a aula no estágio docente, o meu laboratório, junto com um debate de uma versão de um conto meu, em que narrador-personagem e autor têm o mesmo nome. As respostas e comentários não me servem para generalizações, mas como ideias, como forma de ouvir outras vozes, como caminhos apontados, para ver como aqueles leitores, estudantes de duas turmas do curso de Letras da PUC, enxergam e leem escritas de si em geral.

5

“Honestamente, se ambas histórias falarem da realidade como nós a conhecemos (no caso, sem criaturas fantásticas, tecnologias impossíveis e afins), só consigo distinguir se é ficcional ou autobiográfico se estiver escrito na capa ou na contracapa.”

6

Não foi espanto algum perceber que os alunos das turmas – uma, inclusive, de primeiro período, ainda pouco familiarizada com teoria – não acreditavam existir algo imanente ao texto autobiográfico que o diferenciasse do texto ficcional. As linguagens já se contaminaram mutuamente e não é por esse caminho que tentam se localizar. Mas foi com certa surpresa que vi eles levantando a hipótese do pacto autobiográfico de Lejeune² (2008), mesmo desconhecendo o francês. As coincidências dos nomes do autor e do personagem-narrador e as indicações paratextuais que afirmam a autobiografia e dão informações que funcionam como referencialidade verificável fora do texto aparecem em vários comentários. A sensação, no entanto, é que para eles o pacto de leitura é, sim, a melhor forma de ativar os horizontes de expectativa de cada um, mas não da maneira que Lejeune propõe. O conceito de autobiografia do teórico francês já foi pisoteado por todos os lados e não pretendo chutar cachorro morto, mas o que me parece relevante notar é que nas falas dos alunos de graduação já foi levantada a dúvida sobre a possibilidade ou não de identidade entre o autor empírico e o narrador-personagem. Mais: para muitos, a parcialidade da escrita autobiográfica, as omissões, a interpretação criativa da memória, a manufatura estética do fazer literário, possíveis ajustes feitos no ato da escrita que podem ficcionalizar o texto não os impedem de lê-los como escritas de si. Em alguns casos, até a inserção de partes que eles consideram

² Philippe Lejeune busca definir a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (p. 14). Segundo o teórico francês, para existir qualquer gênero de literatura íntima (autobiografia, diário, autorretrato, autoensaio, memórias) é necessário haver uma relação de identidade onomástica entre autor (cujo nome está estampado na capa), narrador e a pessoa de quem se fala. Como Lejeune mesmo reconhece a impossibilidade de uma diferenciação entre autobiografias e romances autobiográficos a partir de uma análise meramente textual, já que os procedimentos narrativos de uma autobiografia são comumente imitados em textos ficcionais, é precisamente essa identidade do nome entre autor-narrador-personagem que vai firmar com o leitor o “pacto autobiográfico”, “a afirmação, no texto, dessa identidade, remetendo, em última instância, ao *nome* do autor, escrito na capa do livro” (p. 26). Ao atribuir sua própria identidade ao narrador e personagem principal, o autor firma um pacto com o leitor, por meio do qual assume a responsabilidade de contar sua vida de forma autêntica. Tanto a definição de autobiografia formulada por Lejeune como a grande parte das autobiografias escritas hoje em dia parecem assumir o princípio da sinceridade do que enuncia.

inventadas pelo autor não é vista como trapaça. Talvez apenas estejam resignados em não conseguir diferenciar; talvez nunca tenham pensado antes na questão e, diante das provocações feitas em sala, não tiveram tempo para achar respostas melhores; talvez essa distinção não faça sentido para muitos destes jovens. O cenário é inquietante, e também me sinto perdido.

7

“Apesar de o narrador ter o mesmo nome do autor, pode ser também uma criação totalmente ficcional e incompatível com o autor empírico. O simples uso do mesmo nome entre personagem, narrador e autor é muito pouco para afirmar que é a mesma pessoa.”

8

Num domingo à noite, começaram a pipocar mensagens no grupo de bate-papo que eu e alguns amigos da pós participamos. Mensagens ansiosas, repletas de uma ironia nervosa – ele foi lacônico; acho que vou desistir do doutorado; não tenho a menor ideia do que fazer; ele não gosta de mim – davam conta de que havíamos recebido os comentários do professor sobre os resumos do nosso projeto. Hesitei em abrir o email por uns instantes, nada poderia ser mais difícil de lidar do que as críticas pertinentes e debochadas que recebi durante a aula. A mensagem por escrito foi enxuta e abriu mão da acidez. Em poucas linhas, ele lembrou a importância de não fazer mais do mesmo e finalizou com duas perguntas: “Você acha que o sujeito autoral pode ser uma referência confiável? Podemos encontrar no ‘eu’ uma saída da incredulidade?” Não me sentia – e ainda não me sinto – nem próximo de conseguir responder, em meio aos atravessamentos teóricos ou não. O alento momentâneo veio com o compartilhamento das observações do professor no grupo de bate-papo da pós. Rimos, fizemos piada e tentamos lidar com a condição de desespero comum a grande parte de nós.

9

“O narrador-protagonista do conto é o autor? Estou confusa.”

10

Publiquei o conto Rio-BSB-Rio na Amazon para participar de um concurso literário. É um texto sobre a minha sensação de estrangeirismo em Brasília. Os primeiros comentários são de que o texto não é conto. É crônica. Não gostei. Quis fazer um conto. O concurso exige conto. Os dois feedbacks espontâneos que tive não vieram de leitores em que confiava – não são os leitores que presumi ao escrever, mas alegro-me de o texto tê-los agradado. Pedi, então, pelo bate-papo do Facebook, para o Ricardo ler e comentar:

- Cara, é crônica!
- Sêrio?
- Sim, está muito literal.
- Se eu pusesse em terceira pessoa, passaria a ser conto?

- É uma possibilidade, mas as referências são muito precisas.
- Uma ficção realista, um conto autobiográfico...
- Se o seu objetivo era escrever um conto, errou na aproximação do real. Há muitas referências bem específicas: namorada, irmão, cidades...
- Mas eu nem nomeei o irmão e a namorada. E isso é algo que você sabe, o leitor que não me conhece não tem como saber.
- O começo é muito racional, meio teórico.
- Estou tentando exercitar o texto autobiográfico com algo de teoria. Há a questão da referencialidade, mas como sou um escritor desconhecido, não é fácil checar. Chamando de conto, trabalho com o horizonte de expectativa desse leitor que não me conhece no sentido de ele ler como ficção. Aí, no texto, há os fragmentos que remetem aos meus contos publicados, o que pode gerar um pacto híbrido, de dupla reivindicação.
- Junto com a referencialidade excessiva tem uma parada meio argumentativa.
- Tá, vou pensar sobre isso. Acho que vou usar na minha tese.

11

“A diferença é como o autor define – se ficção ou autobiografia – o livro escrito.”

12

Em uma das turmas de meu laboratório entreguei uma versão do conto *Petaluma* (2014) em que o autor se chama Gabriel Bueno e o personagem tem o mesmo nome. Discutimos algumas questões relativas à escrita de si, possíveis distinções sobre escrita ficcional e escrita autobiográfica, pactos de leitura, capacidade de se confiar na memória, estratégias narrativas... Depois, apontei para o meu nome no quadro e perguntei se mudaria algo se, em vez de Gabriel Bueno, o autor do texto fosse Tiago Velasco, assim como o narrador-personagem. No quadro, escrevi a pequena biografia que consta na orelha do livro, de mesmo nome, em que o conto foi publicado. Eles passavam a ter algumas informações que podiam ser checadas – caso acreditassem na biografia apresentada – e uma figura na frente deles, uma pessoa agora minimamente conhecida. Não confirmei nada do que estava escrito. Foi fácil, não houve insistência. Talvez tenham assumido sem problematizar, depois da minha revelação, ser tudo verdade; talvez, novamente, eles não estejam preocupados se é ou não verdade, mais interessados na narrativa; talvez a reação fosse outra se eu fosse uma celebridade envolta em fofocas.

13

“Só de eu conhecer o autor, já houve alterações na forma de interpretar o conto.”

14

Em um momento de insônia, escrevi grande parte do que poderia ter sido esse texto. Escrever ainda tira o sono. Gera ansiedade. Naquela madrugada, durante uma hora – talvez mais, talvez menos, não verifiquei o relógio – as ideias surgiam de forma veloz. Escrevia palavra por palavra até formar linhas inteiras, parágrafos longos, os fragmentos

que venho praticando nos últimos textos auto(lítero)biográficos que levei a público. Buscava situações, falas, exemplos na memória, cada vez mais lúcida a cada transposição ao texto bem-sucedida. Quanto mais escrevia, mais as lembranças eram iluminadas e se prestavam à escritura, mesmo que desordenada. Flashes espocavam em minha mente, congelando a imagem por fração de segundo até se transformar em narrativa – um processo que somente pode ser dividido, separado e ordenado de acordo com fins estéticos. Qualquer resquício de sono esvaía-se à medida em que o êxtase da produção assumia o controle. Em pouco tempo, a criação deu lugar à soberba, prepotência que inflou o ego e extinguiu a escrita, satisfeito que estava com a crença na própria genialidade. O que escrevi naquela noite insone poderia ser este texto que lhes apresento. Não é. Não tive coragem de levantar da cama e ligar o computador. Não era apenas medo de perder o sono de vez; nem o receio de ter que domar a pujança do pensamento criador por meio de um digitar periclitante; era muito mais ter que enfrentar as dúvidas que aquele pensamento faria emergir, as críticas as quais eu teria que encarar, o fracasso quase certo que teria que lidar. Preferi me entregar *a priori* – ao sono e à deslembração –, resignado, justificando que a memória se encarregaria de dar o tratamento adequado. O que não voltasse à tona, nunca teria existido; o que emergisse, após transformações interpretativas, recriaria, à sua maneira, o que se passou. É preciso que se diga, no entanto, que estas reflexões se deram no próprio momento em que escolho as palavras deste texto, duas, três ou quatro semanas após a insônia. Agora também me ocorre que não levantei e escrevi o que burilava em pensamento talvez não por fraqueza, mas porque a criação possa ter se dado apenas no inconsciente, enquanto dormia.

15

“O narrador-personagem Tiago Velasco e o autor Tiago Velasco são facetas diferentes da pessoa Tiago Velasco. Como narrador-personagem, ele pode escolher mostrar algo que não mostraria como autor, e vice-versa.”

16

Faltam-me respostas. Exponho o que não sei, as aflições. Uma tentativa, pela escrita, de ter que lidar com os problemas do objeto que construo. Costumo optar por não escrever, apenas ler indefinidamente teóricos e buscar referências de escritas de si. Servem momentaneamente para apaziguar a angústia. Mas logo passa, e a angústia volta mais e mais forte. Escrever é meter os pés em terreno movediço. É preciso encarar em algum momento. Desde que a Heidrun me sugeriu, depois da leitura de *Petaluma* (2014), escrever a tese como um ensaio literário experimental, sinto-me tateando em meio ao que me parece um caos teórico, à procura de um formato para este escrito auto(lítero)biográfico que responda à provocação de Serge Doubrovsky³: o escritor deve

³ O termo “autoficção” surge a partir do romance *Fils*, de Serge Doubrovsky, que decidiu combinar o pacto romanesco à identidade onomástica da tríade autor-narrador-personagem, pondo em xeque o modelo proposto por Lejeune. Segundo Doubrovsky, “a autoficção é a ficção que eu, como escritor, decidi apresentar de mim mesmo e por mim mesmo, incorporando, no sentido estrito do termo, a

inventar uma escrita própria, consoante a paradigmas contemporâneos. Agamben (2009)⁴ nos ensinou que, para isso, é preciso se embrenhar na escuridão.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**: o retorno do autor e a virada etnográfica. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras: 2012.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

VELASCO, Tiago. “Petaluma”. In: _____. **Petaluma**. Rio de Janeiro: Oito e Meio, 2014.

experiência de análise, não somente no tema, mas também na produção do texto” (DOUBROVSKY, 1988, p. 77 apud KLINGER, 2012, p. 47).

⁴ Para o filósofo italiano Giorgio Agamben, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.” (p. 62-63).